

«NÓS TAMBÉM QUEREMOS SER ESCANDALOSAMENTE FELIZES»

A VIDA COMO VOCAÇÃO

Apontamentos da intervenção de Julián Carrón na Jornada de início de ano da Gioventù Studentesca
Milão, 6 de outubro de 2012



«NÓS TAMBÉM QUEREMOS SER ESCANDALOSAMENTE FELIZES» A VIDA COMO VOCAÇÃO

**Apontamentos da intervenção de Julián Carrón
na Jornada de início de ano da *Gioventù Studentesca*
Milão, 6 de outubro de 2012**

*I cieli
Quando de mi Patrona
Il mio volto*

Alberto Bonfanti. Em primeiro lugar cumprimento todos vocês, todos os que estão ligados via satélite em toda a Itália e agradeço, em nome de todos, ao nosso amigo Julián que também este ano nos quis acompanhar de forma tão especial neste início. Chegaram muitos contributos para esta jornada, sinal da expectativa com que estamos aqui e com que começámos o ano letivo. Comoveu-me a profundidade da exigência de significado que denotam, exigência suscitada pela realidade e por uma seriedade e sinceridade no colo-

carem-se pessoalmente diante dela. Esta profundidade de exigência manifesta-se diante dos fatos dramáticos que o Mistério não nos poupa, como a morte ou a doença grave de uma pessoa querida, mas também, eu diria sobretudo – muitos de vocês o sublinharam –, na abordagem do cotidiano, perante a retomada da rotina da escola, com o esforço relativamente ao estudo, a determinadas relações, a um modo de vida em que não parece haver possibilidade de verificar até ao fundo o encontro que tivemos, a experiência de bem que vislumbrámos. A quotidianidade coloca a questão do “para sempre”, da verificação do encontro que fizemos, coloca a exigência de que a intuição do bem experimentado em certas ocasiões como o Tríduo Pascal (e quantos de vocês falaram dele como um acontecimento decisivo para a descoberta da sua própria humanidade e d’Aquele que responde!), durante as férias ou em certos momentos em que se vive a consciência – a que tu Julián nos incitaste no ano passado – de que a vida é um dom e, portanto, é positiva. A quotidianidade, enfim, coloca a exigência de que essa intuição de bem possa ser experimentada dentro de todas as circunstâncias que estamos chamados a viver. Então lembrei, como também alguns de vocês nos contributos, o que nos escreveste nos Exercícios Espirituais da Páscoa:

«Agora sentem vibrar como nunca sentiram todo o desejo de felicidade que vos constitui. A ponto de vocês mesmos ficarem espantados. “Natureza humana, como podes, sendo frágil em tudo e vil, se pó e sombra és, tão alto sentir?», dizia Leopardi admirado. É tão grande a exigência do nosso coração que por vezes chegamos a ficar desconcertados. Nada nos dá paz. Nada parece estar à altura dos nossos desejos. Quanta ternura precisamos de ter por nós próprios para não desertarmos o nosso próprio coração! Aquele que não desarma, mais cedo ou mais tarde compreenderá por que valia a pena: para descobrir o fascínio de Cristo. Espero encontrar entre vocês sempre mais amigos que, assim como o décimo leproso, não se contentam com nada menos do que a Sua presença, a Sua amizade.

Vosso companheiro de destino».

Então parece-nos decisivo compreender o caminho que é preciso percorrer pessoalmente para ficarmos à altura do nosso desejo, onde devem assentar a nossa liberdade e a nossa razão, de maneira que a vida se cumpra dentro de todas as circunstâncias nas quais estamos chamados a viver. E por isso te perguntamos: o que é essa ternura por nós mesmos, necessária para não desertar do nosso próprio coração? Que caminho é preciso percorrer para ter uma verdadeira afeição por si mesmo que impeça que, no quotidiano, nos contentemos com tantos “falsos infinitos” em que inevitavelmente reincidimos (como nos recordou o Papa na mensagem ao Meeting)?

JULIÁN CARRÓN

Olá a todos! Estou contente por poder partilhar convosco este início de ano, porque o início nos coloca de novo diante das coisas decisivas da vida. Por isso começamos imediatamente com a pergunta que me fizeram: o que é esta afeição por si mesmo? É o primeiro ponto da minha intervenção.

1. O QUE É ESTA AFEIÇÃO POR SI MESMO?

A ternura, a afeição por si mesmo é um apego cheio de estima e compaixão, cheio de piedade por si próprio. É como ter por si mesmo – diz Dom Giussani – um pouco daquela dedicação que a tua mãe tinha em relação a ti, sobretudo quando eras pequeno. Porque esta afeição, esta capacidade de se levar a sério a si mesmo, de abraçar-se a si mesmo... imaginemos a ternura com que uma mãe tem ao colo o seu bebé, toda comovida por aquele bebé existir, consciente de todo o desejo de felicidade que se irá desencadear naquele bebé pelo destino grande a que é chamado.

Se não houver em nós um pouco desta ternura, desta afeição por nós mesmos, é como se faltasse o terreno para se construir. Por isso entendo que me perguntem o que é esta ternura, é aquilo que este canto – não sei se repararam quando cantámos *Cuando de mi Pa-*

trona – diz também: quando se encontra diante do olhar de Nossa Senhora, desejaríamos olhar-nos com os Seus olhos, de tal maneira o deseja e de tal maneira, por vezes, não é capaz de abraçar-se a si mesmo e de ter esta ternura por si mesmo. Que caminho é preciso para ter esta afeição a si mesmo! Todos sabemos que não é imediato, nós bem sabemos, tanto assim que, com frequência, em vez de sermos meigos somos violentos, duros, ferozes com nós próprios. Por isso, a ternura é tudo menos óbvia. Basta cada um de vocês pensar quando olhou para si mesmo com um pouco desta ternura, e quantas vezes, pelo contrário, olhamos para nós próprios com essa dureza, com esse azedume, essa falta de piedade que quase tornam insuportável olharmos para nós próprios.

Portanto vamo-nos ajudar a descobrir como surge esta ternura, observando aquilo que Dom Giussani descreveu admiravelmente: «Na história psicológica de uma pessoa a fonte da capacidade afetiva é acolher e reconhecer uma pessoa que está na tua frente» (cf. L. Giussani, «È venuto il tempo della persona», a cura di L. Cioni, *Litterae Communionis CL*, n. 1/1977, p. 12). Vemos pensar, como dizia, no bebé com sua mãe: a fonte afetiva, aquilo que faz surgir no bebé toda a sua afeição, é a presença da mãe; a sua capacidade afetiva vem ao de cima respondendo ao sorriso, aos cuidados da mãe, ao amor da mãe, à presença da mãe. Para o bebé esta presença é tão decisiva que, se faltar, a fonte afetiva seca, não é algo que o bebé dê a si mesmo, não é que o bebé possa, aos poucos, dar a si mesmo esta capacidade de afeição. Isso vê-se bem: a primeira pessoa a quem se liga não é a ele próprio mas à sua mãe; toda a fonte afetiva brota diante dessa presença boa e positiva que, olhando para ele com aquela ternura de que ele não é capaz, lhe faz surgir uma capacidade de afeição à mãe.

O Mistério – amigos – para nos fazer compreender as coisas não as explica; não dá ao bebé uma lição sobre o que é a afeição, mas fá-la acontecer. O bebé começa por vivê-la, primeiro vive essa afeição, sente a afeição que a mãe tem, vê como começa a ligar-se à mãe e pouco a pouco compreende. Mas, a certa altura – todos sabemos isso –, este sinal natural que é a mãe já não basta, e não porque a

mãe se tenha aborrecido connosco ou porque o pai não esteja lá, não, continuam todos ali como dantes, mas é como se tudo o que antes bastava, a dado momento deixa de bastar. Porquê? Se não vemos o que sucede em nós, nós não entendemos, não podemos entender o que sucede numa determinada idade na nossa vida. Por que motivo nos deixa de bastar? Porque cada um de nós evoluiu para a juventude; e qual é o sinal de que há esta evolução? Dom Giussani diz (e quantas vezes podem observar e reconhecer isto na vossa experiência) que nos baralhamos e sentimos uma ausência de afeição como se aquela afeição não bastasse e nos sentimos confusos, desorientados, alterados (cf. L. Giussani, «È venuto il tempo della persona», op.cit., p. 12).

E dizemos: «Mas se todos os fatores são os mesmos de antes, se a mãe está ali, e o pai está ali, e não mudaram o seu comportamento em relação a mim, por que é que agora me sinto confuso, desorientado, alterado e já nada me corre bem?». Esta é a experiência que temos de procurar compreender porque, de contrário, começamos a baralhar-nos, como diz a Anna: «Ultimamente sucede-me muitas vezes sentir como que uma desproporção em relação a todas as coisas que faço. Sempre que faço alguma coisa que eventualmente me agrada, o basquetebol, os serões com os amigos, etc., sinto que no fundo não me satisfaz, não me basta, e aí meto-me num turbilhão de ocupações, que no entanto não fazem senão aumentar este grito. Queria pedir uma ajuda precisamente para avaliar isso, como encarar isso».

Se não compreendemos o que sucedeu em determinado momento na nossa vida, como é possível que, a certo ponto, aquilo que sucedeu com o pai e a mãe deixa de bastar, então o que fazemos? Como o pai e a mãe já não nos bastam, substituímos os pais pelos amigos, e depois pela namorada ou o namorado, e depois por outras coisas, mas o esquema não muda. Por que é que não muda? Porque no fundo não chegámos a entender que isso não basta e que, quando trocas a mãe por outra coisa, se reproduz o mesmo problema; e mesmo quando as coisas me agradam, a certa altura não me bastam mais, e então repetimos com as coisas a mesmíssima experiência

que fizemos com a mãe. E como é que normalmente tentamos sair desta situação? Mergulhando num turbilhão de ocupações: «O que é que tenho que fazer?» Começa a corrida para ver o que fazer. E como parece sempre pouco, então fazemos mais, até à exaustão. Mas o único resultado é que isso, em vez de resolver, apenas faz aumentar o grito. Então começamos a notar que, se calhar, antes de continuar neste turbilhão é necessário compreender, é necessário avaliar, compreender o que foi que se manifestou num dado momento da nossa vida na relação mais bela e mais verdadeira que tivemos (com os nosso pais), para nos ajudarmos a tomar verdadeiramente consciência de nós, a compreender a fundo o que nos está a acontecer. Porque se não entenderem isto é que não o resolvem, simplesmente o reproduzem de outras maneiras, de mil maneiras. Portanto, trata-se de tomar consciência de si, é um problema de autoconsciência. Como é que Dom Giussani define esta autoconsciência, ou seja, esta consciência de si? A autoconsciência é «uma percepção clara e amorosa de si [tenho de esclarecer o que eu sou para poder ter esse amor por mim], cheia de consciência do próprio destino e, por conseguinte, capaz de verdadeira afeição a si [porque só compreendendo isto poderemos ter esta afeição]» (L. Giussani, «È venuto il tempo della persona», op.cit., p. 12).

Então, o que é que sucedeu? Que a um certo momento da nossa evolução se manifestou a estrutura última do nosso eu: todo o desejo para o qual fomos feitos, toda a expectativa com que fomos criados se tornou consciente em toda a sua envergadura num determinado momento da nossa vida. Por isso, se uma pessoa compreende que nada lhe basta, compreende-o porque se alargou definitivamente toda a expectativa do coração, toda a capacidade de realização para a qual fomos feitos, toda a grandeza do destino da vida. Quando uma pessoa entende isso – diz Dom Giussani –, esse é «o momento do Outro [com a O maiúsculo], verdadeiro, permanente, pelo qual somos constituídos, pela presença inexorável e sem rosto, inefável» (L. Giussani, «È venuto il tempo della persona», op.cit., p. 12). Ou nós nos damos conta disto, ou substituímos constantemente os pais por uma outra presença, porque não nos damos

conta que nesse momento se manifestou explicitamente quem eu sou, que eu sou feito para este Outro. Sem nos apercebermos disto não saímos da adolescência, porque nunca damos o passo para o reconhecimento deste Outro, um Outro inefável que ainda não conheço, sem rosto, não sei identificar as feições deste Outro para o qual sou constantemente lançado, para quem tende todo o meu eu. Enquanto preparava a minha intervenção, um amigo indicou-me um artigo de um jornal de hoje, o *La Repubblica*, onde, descrevendo a situação dos jovens, se diz que «a adolescência parece não ter fim» («Adolescenza infinita», de Massimo Recalcati). Uma vez que não compreendemos, então os pais são constantemente substituídos por outra coisa. Por isso, que grande amigo é Dom Giussani quando nos diz: olhem, meninos, que «a juventude é o tempo do Tu [com T maiúsculo] em que o coração mergulha impotente, como num abismo, é o tempo de Deus» (L. Giussani, «È venuto il tempo della persona», op.cit., p. 12).

Sem o reconhecimento do Tu, sem o reconhecimento deste Outro para quem a minha vida é feita, não se pode ter ternura por si mesmo, afeição a si, e é por isso que nos atrapalhamos cada vez mais, nos baralhamos cada vez mais, nos confundimos cada vez mais. Porque neste momento o Mistério, que faz vibrar – como nos tinha dito na mensagem da Páscoa – todo o vosso desejo, vos faz entender que na nossa vida urge dentro um mistério, e então compreendemos que somos feitos para um destino. E o que quer dizer que o homem é feito para esse destino, que tem a noção do destino? Que tu, assim como eu, te percebes com uma dinâmica, com um impulso irreversível para um horizonte ilimitado que não consegues jamais alcançar definitivamente, mas é um ideal de felicidade, de verdade, de justiça, de belo, de bom, cujas margens não se conseguem tocar, um poderoso dinamismo que não me dá trégua e me empurra para uma meta desconhecida, para uma praia que está mais além de tudo o que vejo, que está mais além de tudo o que toco, mais além de tudo o que faço; por isso, mesmo o entrar num turbilhão de coisas para fazer não me satisfaz. Se nós não compreendemos isto, não nos compreendemos nem compreendemos por que motivo nada nos satis-

faz: porque tu cresceste, porque o teu eu é maior, porque a certa altura, evoluindo a tua biologia, a tua fisiologia e todo o teu ser, veio à tona, veio à superfície tudo aquilo para que foste feito. É aquilo que Jesus havia resumido na frase do Evangelho: «Mas que importa, que te importa se consegues tudo quanto queres e te perdes a ti mesmo?» (cf. *Mt* 16,26). Esta será a pergunta que todos os homens em qualquer latitude, em qualquer época da história terão de reconhecer em si, porque é a que melhor descreve o que sentimos vibrar dentro de nós. Mas que importa que eu ganhe tudo, que eu me meta neste turbilhão de coisas, que eu faça tudo, se isso não me satisfaz e me faz perder a mim próprio, me faz perder aquela plenitude para a qual sou feito?

Amigos, quanta violência contra tudo e contra todos se introduz na vida quando não se entende isto, porque então irrito-me primeiro com a mãe, depois com os amigos, depois com o namorado, depois comigo mesmo e por fim irrito-me com tudo... «Em vez de afeição a si mesmo – diz Giussani – ressentimento». Fico ressentido com tudo. Não é o máximo da vida. Por isso nos interessa compreender o que está a suceder em nós. Pois o fato de que a vida tem um destino é tão evidente, como se manifesta também no diálogo contido no convite para este gesto, que todos têm. «Tu alguma vez pensas no futuro?» [Por que haveríamos de pensar no futuro? Porque não podemos evitar pensar no futuro, tanto urge dentro de nós o destino para que somos feitos. Por isso, a resposta é a que todos vocês têm...] «Oh, sim... Sempre» [penso no destino, penso sempre no futuro], «E o que é que tu achas que gostavas de ser quando cresceres?». «Escandalosamente feliz!».

Por isso eu compreendo que os nossos amigos de Bolzano ao lerem esta tirinha dos *Peanuts* tenham pensado: «Nós também queremos ser escandalosamente felizes». Mas logo se perguntam: «Será que somos? Não – dizem –, ou melhor, nas férias ou no acampamento de verão parece possível, em certos momentos parece estar ao alcance da mão mas, pensando na escola, parece uma utopia. O problema é que a escola existe e a temos de enfrentar todos os dias – dizem –; que bom que era também poder fazer na escola a mesma

experiência que vivemos nestas ocasiões». Quem não desejaria isto? Portanto, a questão ficou em aberto e convidaram todos – professores, alunos, diretores – para uma assembleia em que se colocasse esta pergunta: é possível ser «escandalosamente feliz» na escola?

«A urgência que eu sinto que mais me pressiona nesta altura – escreve uma de vocês – é entender o que quer dizer que tudo é vocação. Nestes tempos, na minha casa tem havido muitos problemas nos quais eu tenho muito dificuldade em ver uma possibilidade de relação com o Mistério, mas também é verdade que tenho intuído que é precisamente nessa dificuldade que há uma possibilidade de descobrir algo grande. Portanto, o que é que eu hei-de fazer para não me deixar esmagar pelas circunstâncias? Como posso encarar este mal sem medo, mas como uma possibilidade?». Parece que em muitas ocasiões a escola, os problemas de casa, as circunstâncias, se convertem num obstáculo para alcançar essa felicidade a que “escandalosamente” aspiramos. Porquê? Porque não nos damos conta de que não podemos caminhar para o destino, para a felicidade, senão através das circunstâncias. As circunstâncias introduzem-nos à vida, mas em muitas ocasiões parecem adversas, hostis, contrárias ao nosso desejo de realização; por isso é fundamental compreender qual é o sentido das circunstâncias. Serão realmente um obstáculo ou são, como diz esta amiga, uma possibilidade?

De novo Dom Giussani nos ajuda a entender qual é o sentido destas circunstâncias que temos de enfrentar no caminho para o destino, no caminho para a felicidade, o que as circunstâncias têm a ver com o nosso caminho para o destino. E Dom Giussani começa por dizer: «Na vida dos que Ele chama, Deus não permite que aconteça nada que não seja para a maturidade, para o amadurecimento daqueles que Ele chamou» (L. Giussani, «A longa marcha da maturidade», *Passos*, n. 3/2008, p. I). Ou seja, tudo quanto sucede o Senhor o permite para que nos tornemos maduros; aliás, Deus não permite – jamais! – que aconteça nada que não seja para a nossa maturação. E o teste em que nós podemos verificar que nos estamos a tornar verdadeiramente maduros é se aumenta em nós a capacidade de fazer com que cada objeção, cada dificuldade, cada obstá-

culo, e até cada perseguição se possam tornar instrumento, ocasião, possibilidade da nossa maturação. Porque é esta luta – que as circunstâncias introduzem na vida – que nos faz estar despertos, que nos redesperta constantemente, «ou seja, amadurece em nós a noção daquilo que é a nossa consistência ou a nossa dignidade, que é um Outro» (L. Giussani, *Certi de alcune grandi cose. 1979-1981*, Bur, Milão 2007, p. 389). É que tudo quanto nos acontece na vida, como vimos na relação com os nossos pais, é para compreender que a nossa consistência, a nossa possibilidade de realização está neste Outro. É isso a autoconsciência, quer dizer – como dizíamos antes – uma percepção clara e amorosa de si, cheia da consciência do próprio destino e capaz de uma afeição por si mesmo verdadeira.

2. QUAIS SÃO OS ELEMENTOS DESTA AUTOCONSCIÊNCIA E O QUE TÊM A VER COM AS CIRCUNSTÂNCIAS?

O Papa deu-nos um belíssimo contributo, quando nos recordou isto na mensagem que enviou este ano ao Meeting de Rimini, que tinha por título, como todos sabem, «A natureza do homem é relacionamento com o infinito». Qual é o primeiro elemento desta nossa autoconsciência? Qual é o primeiro dado?

a. Dependência originária: «Feitos»

Nós somos feitos. «Falar do homem e do seu anseio de infinito significa antes de tudo – diz o Papa – reconhecer a sua relação constitutiva com o Criador. O homem é criatura de Deus». E, portanto, o «primeiro dado [que define a identidade do homem] é a dependência originária [...] d'Aquele que nos quis e nos criou. Mas esta dependência [por vezes] [...] ao homem moderno e contemporâneo [parece uma coisa contrária a si próprio, ao passo que, em vez disso] revela [precisamente] a grandeza [...] do homem» (Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting para a Amizade entre os Povos*, 10 de agosto de 2012). Mas nós temos de ver como as circunstâncias nos ajudam a dar-mo-nos conta do valor que têm estas coisas que nós sabemos, porque não há nada mais evidente que o fato de não nos darmos a vida a nós mesmos. Acho que nos poderia ajudar o tomar consciência daquilo que cantámos no início, um canto que

muitos conhecemos: *Il mio volto*. Vamos ver com atenção as palavras do canto: «Meu Deus, olho-me e então descubro / que não tenho rosto; / olho para o fundo de mim e vejo a escuridão / sem fim». Quantas vezes nos aconteceu isto, estar propriamente na escuridão?

Para muitos de nós isto poderia ser mais uma ocasião de confusão; pelo contrário, como assim não estamos bem, estamos desconfortáveis – porque o homem não é feito para a escuridão –, não nos damos paz. Mas o que é que cada um faz? Vejam o que fazem quando estão na escuridão: muitas vezes metemo-nos num turbilhão frenético de coisas, tentando sair da escuridão; ao invés o canto diz: «Só quando me apercebo que tu és, / [que Tu, com maiúscula, que Tu és] como um eco ouço de novo a minha voz / e renasço» (A. Mascagni, «Il mio volto», *Canti*, Milão, Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2007, p. 203). E assim descubro que a escuridão é a ocasião, se eu não ficar pela aparência mas olho até ao fundo a escuridão, para me aperceber de que Tu és. Então tu não estás sozinho, não estás sozinho. Começa a surgir aos nossos olhos uma presença que nos constitui de tal modo que começa a dar-nos a possibilidade – quando nós a reconhecemos – de renascer, de uma afeição a si próprio verdadeira, de uma capacidade de nos querermos bem. Com efeito, só quando chego a reconhecer que Tu és, eu renasço. Perguntem-se quantas vezes fizeram este percurso e quantas vezes, pelo contrário, quando chegamos à escuridão, nos debatemos de muitas formas tentando agarrar-nos a outra coisa qualquer. Por isso ocorre-me pensar: quem poderia hoje compor um canto assim? Um canto como este foi feito por uma jovem de 17 anos, há muitos anos.

Nós perante a escuridão, na maioria das vezes, como ainda não compreendemos o que aconteceu com a mãe, nem que a juventude é o tempo do Tu, e que esta escuridão me é dada justamente para eu me dar conta deste Tu, não estamos em paz. Em vez disso, que raça de autoconsciência de ti, que capacidade de afeição por ti não ganharias todas as vezes se, em vez de te debateres, de sair em busca de qualquer coisa a que te agarrar, olhasses para o fundo de ti, até reconhecer esse Tu misterioso que te constitui. Que graça poder reconhecer a minha dependência originária deste Tu! Então é como

se aquilo que sabemos – que a vida não é dada por nós, que eu sou um Tu que me faz agora – o tivéssemos de reconquistar diante de todas as escuridões, diante de todas as insatisfações, diante de todos os desconfortos, diante de todas as circunstâncias. Não sei como vocês se arranjam para viver as circunstâncias sem fazer este trabalho, porque eu não conseguiria; eu estou constantemente diante de todos os desafios que, como a vocês, não me são poupadas: mas eu quem sou? Aquilo que sinto agora? Aquilo que dizem os outros, os seus ataques? Ou eu sou, exatamente agora, Tu que me fazes? Isto permite ao homem começar a construir, porque o homem para se completar, para se realizar, para viver, para se suportar, para se amar precisa de reconhecer um Outro. E a liberdade é essa capacidade que cada um tem de aderir à relação que realiza a nossa vida.

Assim uma pessoa descobre que esta dependência originária, este primeiro dado da nossa autoconsciência, constitui a verdade de si mesma: somos fruto de um amor, de um ato de amor de Deus e nenhum erro, nenhuma distração, nenhuma circunstância, nenhum sofrimento, nenhuma escuridão pode eliminar o fato de que eu agora existo. E se eu existo, o Mistério que me faz agora está a gritar pelo próprio fato de existir: «Tu és um ato de amor meu, tu és feito para mim agora, tu és feito à minha imagem e semelhança». E é este o fundamento da afeição a si, porque «a afeição a si – diz Dom Giusani – não pode ser motivada por *aquilo que se é* [por aquilo que conseguimos fazer (como tantas vezes pensamos neste frenesim do fazer) mas]; é motivada pelo *fato de que se é*» (*Memoires Domini*, 8 de outubro de 1983, *pro manuscripto*). Como quando descobres que estás apaixonada ou apaixonado e não o queres por aquilo que o outro é, mas estás contente porque ele ou ela existem, porque o outro existe, pelo fato de que existe. É a surpresa de si e do outro como um dom, como graça; é a surpresa de que o outro existe e eu me me dei conta disso.

Se a primeira coisa que Deus faz é amar-te, qual é a imitação mais imediata de Deus? A imitação de Deus é a surpresa de amar-se, de querer-se; se uma pessoa não tem amor, se uma pessoa não tem ternura por si mesmo, não imita a Deus em nada. E se uma pessoa não

imita a Deus no amar, não pode imitar a Deus em nada, porque a primeira coisa fondamentale com que Deus se revela ao homem é que o faz feito à Sua imagem e semelhança. A primeira semelhança com Deus é amar-se, porque a primeira coisa que Deus faz é amar-te. Sem reconhecer isso, nós não somos capazes de amar-nos e por isso nos maltratamos, por isso nos fustigamos, por isso somos tão implacáveis contra nós próprios.

«Caríssimo Padre Carrón, escrevo-te com o coração carregado de gratidão porque é mesmo verdade que a vida recomeça quando a pessoa está segura de que é amada e querida. Eu vivi um momento muito difícil, sofria de anorexia, que não era outra coisa senão a manifestação de um grande mal-estar que vivia em relação a mim própria, que me tornava incapaz de ser eu própria também com as pessoas de quem mais gostava. Num particular momento de crise fui falar com um amigo meu e, perante o relato das minhas dificuldades, ele propôs-me um trabalho: pedir todos os dias a Deus a certeza de que eu era amada e querida tal como sou. Recordo aquele dia como se fosse hoje, porque a partir daí a minha vida renasceu. Quase parece incrível que, pelo fato de eu reconhecer Outro e de começar a captar esse olhar em relação a mim, a vida renasça [É assim! Cada um pode decidir o que fazer destas coisas: verificá-las ou continuar a ficar ressentido consigo mesmo e com tudo]. Mas não renasceu por eu não ter tido mais problemas, mas porque tinha finalmente uma hipótese [vejam: ainda nem sequer a solução, mas uma hipótese], uma hipótese que me permitia fazer face a tudo [esta é a hipótese que te oferecemos hoje, no início de um ano, para que todas as circunstâncias, da escola aos relacionamentos e às dificuldades, possam construir a vida, não sejam percebidas por ti como adversas, como contrárias à vida, porque não são contrárias: são feitas para ti, para a tua maturação, para que tu entendas que se pode renascer e que tudo – em vez de obstáculo – se pode converter em tijolo para uma construção de ti. Diz-me onde é que te oferecem uma hipótese como esta para viver]. E com esta hipótese começa-se o trabalho, e então é num trabalho quotidiano de mendigar a Deus essa certeza de um bem para a minha vida, até os problemas

que me pareciam insuperáveis – diz – se vão aos poucos desvanecendo. Portanto, obrigada por também tu me teres trazido a este ponto tão decisivo».

Mas será possível – perguntamo-nos –, será possível que, desejando tanto assim, a vida se possa verdadeiramente realizar? É a mesma pergunta que o Papa se colocava na mensagem ao Meeting: «Será que não é estruturalmente impossível ao homem viver à altura da própria natureza? [é como nós pensamos tantas vezes; não era melhor não desejar tanto?] [...] E não seria uma condenação esse anseio de infinito que [...] [o homem] intui, mas que nunca pode satisfazê-lo totalmente?» (Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting para a Amizade entre os Povos*, op. cit.).

Sem responder a esta segunda pergunta é impossível amar-se a si mesmo, é impossível ter afeição por si e pela vida. Esta interrogação leva-nos diretamente ao segundo elemento da nossa autoconsciência.

b. Acontecimento cristão: «Seus»

Nós somos Seus. Com efeito, a muitos de nós sucedeu outra coisa; depois de termos sido criados, sucedeu outro fato que constitui o segundo elemento da nossa autoconsciência e que responde à pergunta que por vezes nos fazemos: se um tão grande desejo de felicidade é impossível ou se é uma condenação. Para responder, o Mistério mostrou toda a sua ternura, toda a sua afeição por nós, porque nos criou para uma tão grande felicidade, porque logo desde o início Ele no-la queria dar; nos tinha feito com este enorme vazio para o poder preencher com a Sua presença. O Mistério, sabendo disto, o que fez? «O infinito [...] para se fazer uma resposta que o homem possa experimentar, assumiu uma forma finita [diz o Papa]. A partir da Encarnação, do momento em que o Verbo se fez carne, ficou cancelada a impreenchível distância entre finito e infinito: o Deus eterno e infinito deixou o seu Céu e entrou no tempo, mergulhou na finitude humana» (Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting para a Amizade entre os Povos*, op. cit.), a fim de que pudéssemos experimentar que não é impossível viver à altura do nosso desejo.

Por isso – diz Dom Giussani – a primeira condição para dar a conhecer o cristianismo era falar de Jesus Cristo aos discípulos e aos do tempo de Jesus? Não! Era a afeição por si mesmos, era o desejo que tinham, porque quando se aproximavam d’Ele com este desejo, com aquela fome e aquela sede (por isso diz que são bem-aventurados os que têm fome e sede), podiam reconhecer que tinha chegado, com a presença de Jesus, a resposta à fome e à sede.

E como é que cada um de nós sabe (digo *sabe*, não *sente*, não *imagina*, não *teve uma visão*, mas *sabe!*) que se passou assim mesmo, que o infinito assumiu uma forma finita, que o Verbo se fez carne? Porque também nós, como João e André, fomos conquistados, conquistados ao ponto de cada um de nós poder dizer, pôde dizer: «Nunca fui eu próprio como quando Tu, Cristo, me aconteceste num encontro». E assim pudemos experimentar o que significa Cristo antes que com uma palavra, antes que com uma explicação, porque sucedeu, como sucede que te apaixonas: primeiro sucede-te e depois é que te dás conta e compreendes o alcance. Ninguém estaria aqui talvez, a não ser porque de algum modo lhe sucedeu ou viu nos outros qualquer coisa que lhe despertou curiosidade e o levou a estar aqui hoje. Então, quando sucedeu isto a uma pessoa, quando uma pessoa começou a entender que aquele desejo se pode realizar, que nunca como «quando O encontrei fui mais eu próprio», é precisamente isso que permite uma verdadeira afeição por si mesmo e pela vida. Porque sem perceber a possibilidade de realização nós não podemos deixar de nos irritar com a vida, de pensar que é uma condenação.

O conteúdo da minha autoconsciência, o conteúdo daquilo que eu penso da vida, o sentimento de mim é que o meu eu és Tu, Cristo. Aquele que me faz ser mais eu próprio és Tu, Cristo. Tu és eu, Tu és o meu verdadeiro eu. É o que São Paulo resumiu para todos nós: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (*Gal 2,20*). E, a quem o descobre, isto enche de uma alegria e de uma gratidão tão desmedidas que invadem a vida toda, como nos recordou o Papa, a mesma alegria e gratidão que invadiam os primeiros cristãos. Na verdade, no cristianismo das origens era assim – diz o Papa –: o ser

libertado das trevas, da escuridão, do andar às apalpadelas, da ignorância porque não se sabia responder às perguntas: o que sou eu? Por que sou? Por que devo seguir adiante? Ter-se tornado livre, estar na luz, poder ver com clareza as coisas na vastidão da verdade, esta era a noção fundamental: uma gratidão que irradiava à sua volta e que unia os homens na Igreja de Jesus Cristo. É a mesma gratidão que podemos encontrar hoje: «Sou uma estudante do secundário, da área de letras, e nestes últimos tempos redescobri a beleza da vida que para mim antes era completamente obscura [é isto a gratidão, que aquilo que era obscuro começa a ficar claro]. Durante vários anos, especialmente neste último, fui vagueando na escuridão pensando que apostava toda a minha liberdade, sem reparar que, pelo contrário, não havia propriamente nada de livre naquilo que eu fazia. Eu estava convencida que quanto mais experiências extremas eu fazia [entra-se cada vez mais no turbilhão das coisas, porque diz: “Se calhar não experimentei tudo, se calhar não fiz tudo o que estava nas minhas mãos...”]; até às experiências extremas] mais esperava conseguir aproximar-me e saborear a felicidade que eu buscava desesperadamente. [Fatídico! Se não entendemos que o desejo é do infinito, que somos feitos para o infinito, julgamos que nos safamos fazendo experiências extremas, na esperança de nos aproximarmos da felicidade]. De início parecia poder funcionar em termos de raciocínio mas depois, quando ficava sozinha [quando uma pessoa fica sozinha] a única coisa que me ficava era um sabor amargo na boca e uma profunda solidão. Neste verão vivi uma experiência dolorosa, causada pelo meu exagero. Ao chegar a casa chorei, chorei amargamente e nunca até aí tinha compreendido o que queria dizer sentir as lágrimas queimar. E estava tomada pelo pânico por causa do que tinha feito, não era eu, não era o que eu queria para mim, tinha-me rebaixado completamente [Não é que não saibamos o que é a verdade, podemos fingir um tempo, mas quando ficamos a sós connosco não podemos fingir. É isso que nos salva!]. Mas naquele momento foi mais do que evidente a Sua presença na minha vida e a verdadeira necessidade que eu tinha. Destruída pelo desespero e pela vergonha que sentia pela ação que fizera, fui-me confessar e

chorei de alegria como nunca antes: se até me perdoava aquele ato, então não podia senão gostar de mim incondicionalmente [Compreendem de onde nasce a afeição por si mesmo que nenhum erro pode eliminar? Se não chegamos até aqui, amigos, a afeição por si é fragilíssima, basta suceder qualquer coisa que não encaixe nos nossos planos ou nas nossas medidas, ou que esteja além da nossa capacidade de assimilação, e acabou-se a afeição!]. O sofrimento que senti ainda o trago comigo, com uma ferida que arde, e o fato de arder faz com que eu me dê conta que estou viva e consciente do que aconteceu. Acho que fui agraciada através deste sofrimento e agradeço [agradeço!] que tudo isso tenha acontecido, porque senão estaria ainda a tactear sem meta. Nunca vivi como tenho vivido agora a dor e o sofrimento como um dom e o dia da minha conversão está bem gravado dentro do meu coração. Agradeço que se tenha feito presente na minha vida de uma forma tão evidente que eu definiria tangível, experimentável. Preciso desta companhia e quero segui-la para gozar ao máximo a vida pela qual estou apaixonada».

Mas também depois de termos visto tudo isto, diante do encontro com Cristo fazemos as mesmas perguntas: é possível que com este encontro possamos enfrentar tudo, como diz esta jovem? Como escreve outro de vocês: «Depois deste verão, um verão, por graça, entre encontros e fatos imprevisíveis, surpreendentes e comoventes, depois de um verão em que o rosto de Cristo se revelou através dos amigos de sempre, mas também através de novos amigos de outras cidades, com os quais, passado pouquíssimo tempo, nasceu uma amizade realmente surpreendente, a tal ponto que não posso deixar de dizer “Tu a fizeste”, depois de um verão tão repleto de acontecimentos e novidade, dou por mim iniciando a escola com medo de que rotina do dia-a-dia me faça esquecer a beleza que encontrei este verão e que o entusiasmo que tenho no coração possa esmorecer perante as fadigas quotidianas, cedendo lugar ao tédio do previsível e do óbvio, porque é fácil reconhecer Cristo na novidade, nos encontros surpreendentes, durante as férias ou o Meeting, e ser feliz, mas será possível [esta é a nossa pergunta] reconhecer o rosto d’Ele também no esforço do regresso às aulas, do estudo, do ter de encarar

colegas tão difíceis?»

A esta pergunta responde São Paulo, porque São Paulo tinha encontrado Cristo e isso para ele era de tal maneira claro que diz: tudo aquilo que eu tinha como ganho, como um valor, o fato de ter sido «circuncidado no oitavo dia [ou seja, assim que nasce já pertence ao povo de Israel], que sou da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus, que fui, segundo a lei, fariseu [dos mais inflexíveis no cumprimento da lei]; quanto ao zelo pela Lei, perseguidor da Igreja; quanto à justiça da Lei, irrepreensível no meu proceder. Porém [tudo isto que era o valor] aquelas coisas que eu considerara como lucro, considerarei-as como perdas por amor de Cristo. Sim, tudo isso tenho como perda, perante o sublime conhecimento de Jesus Cristo» (*Fil* 3,5-11). Nem mesmo a alguém assim é poupado nada, basta ler as circunstâncias que teve de enfrentar: «Cinco vezes recebi dos Judeus os quarenta açoites menos um. Três vezes fui flagelado com vergastadas, uma vez apedrejado, três vezes naufraguei, e passei uma noite e um dia no alto mar. Viagens a pé sem conta, perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte dos meus irmãos de raça [os judeus], perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos da parte dos falsos irmãos [os amigos]! Trabalhos e duras fadigas, muitas noites sem dormir, fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez! [E depois] a minha preocupação quotidiana, a solicitude por todas as igrejas!» (cf. *2Cor* 11,24-28).

Mas através de tudo isso que o Senhor o fez passar, o que foi que emergiu? Por que é que o Senhor não o poupou? O que é que emergiu mais intensamente na consciência de São Paulo? Que «Trazemos, porém, este tesouro [do encontro com Cristo] em vasos de barro, [somos tão frágeis] para que se veja bem que esse extraordinário poder vem de Deus e não de nós. Em tudo sofremos tribulação, mas não somos esmagados; somos cercados de dificuldades, mas não desesperamos; somos perseguidos, mas não desamparados; somos abatidos, mas não aniquilados, trazendo sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo. [...] Tudo, com efeito, é por amor de

vós para que a graça, multiplicando-se entre muitos, faça transbordar a ação de graças, para a glória de Deus» (cf. *2Cor* 4,7-10.15).

Tudo quanto nos é dado é para nós. Pensem na humanidade transbordante de gratidão de São Paulo, a quem, no entanto, nada foi poupado; e por que é que São Paulo está tão contente? Porque tudo o levou a ver como Cristo é forte mesmo nos dissabores, o levou a uma certeza que descreve assim: «Se Deus é por nós [se eu vi que Deus está por mim em todas as dificuldades que tive de atravessar], quem será contra nós? Ele que não poupou nem o Seu próprio Filho, mas por nós todos O entregou, como não nos dará também com Ele todas as coisas? [...] Quem nos separará, pois, do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? [a escola?, os colegas novos?, podem ir acrescentando...] [...] Mas, de todas estas coisas saímos mais que vencedores por Aquele que nos amou [São Paulo não chegou a esta persuasão dando “voltas à cabeça”! Não, mas porque não lhe foi poupado nada. Em todas estas coisas viu a vitória de Cristo e, por isso,] eu estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem as potestades, nem a altura, nem nenhuma outra criatura nos poderá separar do amor que Deus nos manifesta em Cristo Jesus, Nosso Senhor» (cf. *Rm* 8,31-39).

Qual de nós não desejaria ao menos um grama desta certeza de São Paulo? Porquê? Porque só uma certeza assim, só com uma certeza assim podemos desafiar qualquer circunstância, qualquer futuro, como me diz este amigo que, sem uma certeza assim, não poderia ter respondido: «Escrevo-te para te contar que me aconteceu uma coisa nestes dias de escola. Este ano mudaram o professor de filosofia e, assim, no lugar de uma pessoa fantástica que me tinha feito amar a matéria, vi-me a braços com uma pessoa que é fortemente contra a Igreja. Isto levou-me a sentir pouca estima por ele. Porém, há uns dias, perante algumas afirmações do tipo “realmente, quem acredita, acredita apenas numa historieta, mais nada” [aquilo em que acreditam: historietas!] e ainda “porque na realidade não há nenhum comprovativo, não há nenhuma prova de que exista um

Deus” [estes são os desafios que não nos são poupados nem a nós. Ou temos de ir todos para um convento para não embater em alguém assim ou temos de adquirir uma certeza que nos permita encarar também um professor que te atira à cara: “Mas tu tens algum comprovativo ou são apenas historietas?”. Entendem por que motivo o Mistério não nos poupa? Porque se uma pessoa não faz a experiência disto, não sabe como responder]. Reparei que tive uma reação que não esperava: em vez de ser o pretexto para uma resposta puramente ideológica, aquelas perguntas tornaram-se um desafio que me levaram a reconfirmar a razão por que acredito, porque eu não posso passar sem esta companhia. Aquilo em que acredito não é uma história, mas sim um fato que se repete continuamente na vida. Cristo para mim não é um nome e mais nada. Pensando apenas neste ano, nas férias de inverno, uma exposição que preparámos, o Tríduo, as férias de verão, os dias em Varigotti, o Meeting, as amizades que nasceram, o olhar com que fui olhado todos os dias na escola, a beleza de uma excursão que fizemos a Portofino... reparei que estes fatos são para mim o comprovativo na realidade e, no fim, a coisa que mais me impressionou é que perante aquelas provocações não pude deixar de compreender que não posso dar por adquirido nem sequer o meu professor de filosofia».

Então, último ponto.

3. A VIDA COMO VOCAÇÃO

O Papa, depois de falar na Encarnação, de como o Mistério venceu esta distância, diz: «A partir da Encarnação [...] nada é banal ou insignificante no caminho da vida e do mundo [...] [é espantoso como prossegue o Papa]. Descobrimos, então, a dimensão mais verdadeira da existência humana, aquela que o Servo de Deus Luigi Giussani chamava continuamente de a vida como vocação» (Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting para a Amizade entre os Povos*, op. cit.). O que é que Dom Giussani dizia? «Viver a vida como vocação significa tender para o Mistério através das circunstâncias [sublinhem isto: através das circunstâncias] por que o Senhor nos faz passar, respondendo a elas» (L. Giussani, *Realidade e Juventude*. O

Desafio, Lisboa, Diel, 2003, p. 67). Não é que por existirem as circunstâncias não podemos tender para o destino, para o Mistério, e que estas sejam um obstáculo, porque se fossem um obstáculo impossível de vencer, queria dizer que nós não podemos chegar. Não, não, não! Nós podemos chegar, mas só através das circunstâncias. Por isso o Papa diz: «Cada coisa, cada relacionamento, cada alegria, como também cada dificuldade, encontra a sua razão última em ser ocasião de relação com o Infinito, voz de Deus que continuamente nos chama e nos convida a levantar o olhar, a descobrir na adesão a Ele a realização plena da nossa humanidade» (Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting para a Amizade entre os Povos*, op. cit.).

As circunstâncias são a voz de Deus, são a modalidade através da qual o Mistério nos chama a erguer o olhar; não são um obstáculo, não são adversas, são a modalidade através da qual o Mistério nos chama a reconhecer quem Ele é e quem somos nós, como vemos no caso de São Paulo, para quem as circunstâncias todas não foram um obstáculo, mas sim a ocasião para alcançar uma certeza que, sem as ter atravessado, nunca teria sonhado sequer. Portanto, «a vocação consiste em caminhar para o destino, abraçando todas as circunstâncias através das quais o destino te faz passar» (L. Giussani, *Realidade e Juventude. O Desafio*, op. cit., p. 67), porque já nada é banal e insignificante e cada coisa adquire esta possibilidade de nos chamar à autoconsciência de termos sido feitos e de sermos Seus. A vida de São Paulo documenta que tudo quanto nos é dado, nos é dado para a nossa maturação, nos é dado para crescer nesta autoconsciência.

Por isso, amigos, este é o tempo da pessoa, o tempo de cada um de nós, porque Ele nos pode chamar como nos chama e cada um é forçado a responder. Não responder é já uma resposta negativa. Só entrando constantemente na vida com esta hipótese podemos ver o que é Cristo em ação. E assim podemos ver como Cristo vence, a vitória de Cristo. Mas, atenção, o fato de que «nós saímos mais que vencedores» não quer dizer que as coisas sucedam segundo as nossas imagens; vencedores quer dizer ver a vitória de Cristo mesmo quando somos aparentemente derrotados, como aquele rapaz que

se calhar não consegue convencer o professor de filosofia, mas o professor de filosofia não vence mais nele. Vencedores significa estar transbordantes da Sua presença, estar tão agradecidos por aquilo que nos aconteceu que ninguém nos pode vencer. Perante testemunhas como São Paulo podemos ver o que Cristo se pode tornar para nós, de tal maneira que, também nas circunstâncias mais prementes, o conteúdo da nossa autoconsciência seja cada vez mais Cristo e os fatos que o documentam de modo tão patente que nos deixam sem palavras: «Quem és Tu, Cristo?».

O sinal mais patente de que Cristo se tornou verdadeiramente presente na vida é que se fica sem palavras. O silêncio cristão nasce do espanto de ver Cristo em ação, «e a Sua presença me enche de silêncio»; um silêncio cheio da memória de Cristo. Não é um silêncio vazio, mas um silêncio cheio da Sua presença, à qual nós devemos dar tempo; e se nós não dermos tempo à memória de Cristo, a recuperar constantemente a consciência d'Ele e de nós, o poder já venceu, porque significa que o conteúdo da nossa consciência é determinado pelo poder, seja qual for esse poder. Por isso devemos pedir e desejar que a nossa vida se encha deste silêncio, porque é sinal de que a Sua presença se começa a tornar familiar em nós. E assim podemos entrar em qualquer batalha, como o cego de nascença. Depois de o ter curado, Jesus não disse ao cego de nascença: «Agora, para não correres riscos, para evitar que a tua fé possa ficar em perigo, vou-te mandar para um convento!» Não. Ele atira-o na multidão com o que lhe aconteceu, com uma certeza: que antes não via e agora vê. E com isso o cego “cilindrou” todos.

Se tivermos esta certeza, se trouxermos no olhar, como o cego curado por Jesus, esta certeza, se vivermos desta autoconsciência, então poderemos verificar que também no dia-a-dia da escola podemos ser «escandalosamente felizes».

